

Artigo

Reino de Deus e dignidade humana: atualização da mensagem de Cristo na América Latina

Kingdom of God and human dignity: Updating the message of Christ in Latin America

Willian Marcelo da Silva¹; Edemilson Euclides¹

Resumo

A dignidade é conferida ao ser humano na criação. Pecando, a humanidade se afasta da vontade divina. O Reino de Deus, em Jesus, resgata a humanidade do erro. O Reino, no tempo presente, se manifesta na Igreja e nos discípulos missionários.

Palavras-chave: Dignidade humana. Missão. Reino de Deus

Abstract

Dignity is conferred upon the human being in creation. In sin, humanity departs from the divine will. The Kingdom of God in Jesus rescues the humanity of error. The Kingdom in the present time is manifested in the Church and in the missionary disciples.

Keywords: Human dignity. Mission. Kingdom of God.

Introdução

Deus, ao criar a humanidade à sua Imagem e semelhança, confere ao gênero humano a dignidade de filhos e filhas Dele. Diferente das outras criaturas, o homem e a mulher possuem livre arbítrio, liberdade para discernir com consciência suas atitudes. A humanidade é convidada a seguir o exemplo do criador: continuar a obra da criação cuidando e cultivando-a.

A criação apresenta ao homem e à mulher uma aliança, um pacto de Deus com eles, e o pecado, quebrando essa aliança, rompe a dignidade dos seres humanos, distorcendo a sua semelhança com Deus. Por isso é em Cristo, o mediador entre Deus e os homens, que os homens e mulheres encontraram novamente o caminho da salvação. É pela pregação do Reino e a ação salvífica de Jesus que se realiza a libertação do pecado e das opressões.

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Teologia. Campus I, Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516, Bloco E, Complexo CCHSA, Pq. Rural Fazenda Santa Cândida, 13087-571, Campinas, SP, Brasil. E-mail: <willianmarcelosilva@hotmail.com>.

Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso de W.M. SILVA, intitulado "Reino de Deus e dignidade humana: atualização da mensagem de Cristo na América Latina". Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2018.

Ser livre é próprio de quem possui dignidade. O pecado aprisionou o homem na desobediência a Deus e, Jesus, na pregação do Reino, convida para o despertar libertador. Com a preocupação latente sobre o resgate da dignidade, o Reino faz o convite de revisão de vida e conversão.

Hoje, a Igreja, sinal da presença de Deus no mundo e continuadora do Reino, tem a missão de agir como o Cristo, para trazer o Reino mais perto, reconhecendo sua filiação com Deus e aderindo à proposta de Jesus em sua vida. Portadora do Evangelho, a Igreja é chamada a continuar a missão de transmissão do Reino e revelar Jesus para a humanidade.

No entanto, a missão de anunciar o Reino não deve e nem pode estar apenas nas mãos dos consagrados exclusivamente a este serviço, os ministros ordenados, mas, é missão de todos aqueles que assumem o compromisso da fé em Jesus. A Igreja, para continuar a missão do Reino hoje, quer despertar também nos leigos e leigas o Espírito missionário, para levarem a boa nova do Evangelho de Jesus em todos os lugares.

Humanidade e dignidade: criação e pecado

O capítulo primeiro e segundo do livro do gêneses, na Sagrada Escritura, apresenta o relato da criação do mundo. Deus, após o longo processo criacional, no sexto dia, criou o homem e a mulher, criaturas apontadas como especiais aos olhos do seu criador. Nos versículos temos a seguinte frase, “e Deus viu que era muito bom” ou “submetei a terra”, lembrando deste modo, a importância do gênero humano diante do Senhor criador.

A dignidade da pessoa humana nasce desse contato íntimo e próximo de Deus com o ser humano, o olhar especial do Criador, que capacita sua criatura de consciência, vontade e liberdade. Por isso que o ser humano trilha a estrada que leva para a busca do bem e da verdade; os homens e as mulheres são chamados, através da graça criadora, a estarem sempre em contato com aqueles que os fez. É uma aliança de gratidão, que inspira o ser criado a não esquecer sua origem divina, respondendo, através da fé, o amor pelo qual foi feito. O humano não perde jamais sua essência se estiver inserido no mistério divino da salvação.

Essa essência divina é lembrada no capítulo segundo, onde o texto bíblico diz que o homem foi moldado a partir do barro, pelas mãos de Deus, e recebe, em suas narinas, o sopro dele, “O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas o sopro da vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2,7)². A teologia explica este momento como sendo aquele que a humanidade, em Adão, recebe o espírito do Criador. Através do *Ruah*³, o espírito concede vida à matéria, é o momento da unidade profunda entre corpo e a alma.

A dimensão corpo e alma faz compreender esse ser criado como pessoa, ser completo, união perfeita entre as realidades materiais e sobrenaturais. O corpo que está inserido na realidade histórica, transitória e frágil, mas unido à alma que, por sua vez, está além, remete ao imortal, transcendente e eterno. A dignidade humana procede deste conceito, visando sempre esse equilíbrio entre as partes.

² Todas as citações bíblicas foram extraídas da Bíblia de Jerusalém (2003).

³ A palavra *Ruah*, é originária do hebraico, que quer dizer sopro, vento, ar. É usado no antigo testamento para lembrar o Espírito de Deus, é o sopro de vida para a criação.

O corpo lembra que o ser humano é um ser entre muitos outros, por isso é necessário se relacionar com os semelhantes e com aquilo que está a sua volta. Os homens e as mulheres fazem, no mundo, suas experiências nas diversas realidades. Contando com o auxílio da alma, o ser humano supera as fragilidades e dificuldades na busca da transcendência. É este aspecto, em particular, que lembra ao ser humano quem ele é e o lugar onde está. Sua dignidade parte desta transcendência, do desejo de ser melhor. O homem não é fechado, mas um ser para o outro; as relações enriquecem o crescimento da humanidade e constituem uma parte importante de sua dignidade. Por isso a luta contra o pecado, uma vez que ele o coloca no desejo errôneo de transviar-se de sua dignidade, desequilibrando as relações, afastando o ser humano daquele fôlego e vontade de viver, entendido no hebraico como o *Nefesh*.

Segundo Castillo (2015, p.538), “O pecado é o princípio e a força que desumaniza os seres humanos”, ou seja, faz com que as relações humanas estejam longe daquilo que garante dignidade a elas. O pecado desumaniza o gênero humano, quebra o principal conceito de ser pessoa, a sua identidade relacional. Pecando, as pessoas tornam-se fechadas para a humanização que Jesus veio apresentar através da pregação do Reino.

O Catecismo da Igreja Católica afirma, o Pai, em Jesus, manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação (CATECISMO... , 2000), o que significa que, encarnado, o Filho de Deus manifesta ao mundo, em sua própria humanidade, a imagem do Deus invisível, que quis se fazer um com todos os homens e mulheres. Se antes, perdida no pecado, a humanidade estava deformada ou desumanizada, ela é agora restaurada em Jesus. Todo o gênero humano, em Cristo, encontra novamente o caminho para o Reino de seu Pai. O Evangelho chama para o despertar libertador, sair dos ideais desumanizadores, do individualismo, opressão, desigualdade, e buscar sua essência em Deus.

O pecado e sua consequência no gênero humano

Quando Adão e Eva, representando o início da humanidade, desobedecem à ordem divina, eles pecam e dizem não ao propósito de Deus. Ora, uma vez estando todos os homens e mulheres ligados aos primeiros viventes, pela descendência que nasce deles, o pecado cometido tem consequência para todos. É um pecado contraído, de acordo com a Doutrina da Igreja, mas que é justificado em Jesus.

A iniciação cristã lembrará que o batismo nos lava desta culpa original, uma vez que, aderindo a Cristo, os batizados professam a fé na salvação exercida pelo Filho de Deus, que morre na cruz como sinal de amor e reconciliação do Pai com a humanidade. No entanto, o pecado não é extinto, a humanidade ainda fraca, necessita da busca pelo divino, para combater o erro.

Por isso, a vida em abundância que Jesus vem oferecer no Evangelho (Cf. Jo 10,10), não é apenas um olhar terreno, ver a vida tal como se conhece, ao contrário, é contemplar as coisas com os olhos de Deus, observar os mandamentos e fazer, nesta existência breve, uma caminhada digna e feliz, tendo em vista a vida plena, o Reino de Deus, que o Filho do Homem veio oferecer

para toda a humanidade. Tudo que leva o homem para longe de sua dignidade e destrói a vida, leva para o pecado.

É por isso que a remissão e a dignidade humana tem novo sentido na cruz, expressão máxima do amor de Deus. Se oferecendo livremente, Jesus repara, com o seu próprio sangue, o erro dos primeiros viventes. A cruz em dois pontos mostra a realidade humana, despontando, em primeiro plano, a fragilidade da carne e a crueldade da morte, ao mesmo tempo que desvela para todos o caminho daquele que está disposto a cumprir a vontade do Reino de seu Pai.

Na paixão redentora, a humanidade está livre do antigo inimigo e do pecado. O Salvador oferece a todos os povos o tempo da graça restauradora. O Concílio Vaticano II (2000), na *Gaudium et Spes*⁴, afirma o mistério do homem manifestado de maneira clara na vinda de Jesus e em seu ministério. É, na verdade, de Cristo que o homem encontra sua origem, volta para sua fonte e pode, de novo, tornar-se imagem e semelhança de seu criador.

Reino de Deus e dignidade Humana: afinal, o que é o Reino?

Não existe uma definição concreta do Reino. João Batista apresentava o Reino de Deus como juízo, seu batismo era para a conversão, uma vez que, segundo ele, estava próximo o tempo da vinda do Messias. João falava ao povo de um reino destruidor, um Deus hostil ao pecado e de juízo radical (SOBRINO, 1996, p.114). No entanto, fica claro que o Reino de Deus acontece pelas obras de Jesus. É sua atividade missionária que indicará ao povo a veracidade de sua pregação. Mais do que a realidade dos milagres, a ação de devolver pessoas para a sociedade dirá muito de Jesus e desse Reino que ele prega. A ideia de Reino que Jesus quer apresentar é a realidade última do homem, que se concretiza neste “local”⁵. Sendo uma realidade escatológica, o Reino se manifestará no final dos tempos, o Senhor vai restaurar todas as realidades, mas, até que isso não ocorra, ele age na história em favor do povo, se revelando e mostrando os caminhos.

A revelação de Deus e Sua vontade, no Antigo Testamento, se baseiam nesse ideal. O Deus que ouve o clamor de seu povo vai ao encontro desta mesma raça escolhida e faz aliança com eles. No Novo Testamento, continuando com o plano de salvação, Jesus, Deus encarnado, fala ao povo sobre o Reino, a boa notícia que ele apresenta. Essa manifestação divina, do filho de Deus no mundo, relembra o amor gratuito que é confiado aos homens desde os primeiros viventes.

O Reino sinaliza a libertação das opressões: luta entre o bem e o mal. Jesus curando os enfermos, expulsando os demônios, afirma a soberania do Reino sobre qualquer opressão maldosa, anunciando concretamente a libertação. Os prodígios de Jesus, muito mais do que curas, eram sinais da proximidade de Deus com seu povo, e o anúncio de uma libertação redentora, que deveria gerar a esperança em um Pai misericordioso que caminha lado a lado com a humanidade. Essa proximidade gera a libertação espiritual e de toda opressão, mostrando o caminho novo que o Filho de Deus quer abrir. O Reino é libertação.

⁴ Cf. *Gaudium et Spes*, nº22 (Concílio do Vaticano II, 2000a).

⁵ O Reino de Deus permeia as duas realidades, ele é o *já* e *ainda não*. É já, enquanto manifestação dos sinais e obras de Deus, através de Jesus e dos continuadores de sua missão. O *ainda não*, é classificado como o Reino transcendente, que se manifestará no fim dos tempos. O Reino tem início na história, porém, o que é apontado por Jesus é o Reino na glória, plenificado, por isso não é um lugar físico, material, mas eterno, atemporal, compreendido na fé.

“Nos milagres os pobres veem salvação e é a partir dos pobres que devem ser entendidos” (SOBRINO, 1996, p.139) significando que, a partir dos pobres, mais claro o conhecimento da manifestação do Reino, uma vez que, os “marginalizados” da sociedade encontravam em Jesus o Senhor libertador de toda forma opressora. O Reino de Deus, chegando a eles, pela mensagem de Jesus, promovia libertação e devolução de dignidade.

Jesus está à frente de seu tempo, se comporta acima de todos os preconceitos de sua época. Rompendo as convenções, ele se torna próximo de todos, inclusive, seu grupo é diversificado (pescador, cobrador de imposto, corruptos, prostituta). O Reino em Jesus é, portanto, anunciado para aqueles que estavam dispostos a mudar sua vida pela fé. O Reino acolhe a todos os pecadores, dando a chance do recomeço, uma verdadeira restauração de dignidade e vida como um todo. Jesus não coloca fardos mais pesados ainda sobre os condenados, ao contrário, oferece salvação, o Reino.

A mensagem de Jesus levou os seus ouvintes a chegarem perto do Pai e do Reino prometido. O encontro da misericórdia divina, através da fé em Deus “faz crer em novas possibilidades negadas na história aos pobres. É fé que supera o fatalismo. É fé num Deus do reino contra os ídolos do anti-reino” (SOBRINO, 1996, p.144).

O anti Reino mata, destrói e, com Jesus, não foi diferente, no entanto, “A ressurreição coloca Jesus definitivamente na história e mostra que Deus estava com ele. A ressurreição recupera a fé no Senhor e mostra a elevação do Justo e sua entronização no Reino e na Glória” (SOBRINO, 1996, p.128). O evento ressurreição mostra o poder do Cristo, Filho de Deus, e atrai os olhares desanimados para a fé e a boa nova que aquele condenado na cruz anunciava. É evidente que a esperança havia acabado na cruz, mas o Senhor ressuscitado, dando seus sinais em meio à comunidade dos discípulos, os congrega. Munidos mais tarde pelo Espírito, os discípulos levam adiante a mensagem do mestre e tornam-se também anunciadores do Reino aos pobres, como o mestre havia pedido.

Anúncio do Reino como um resgate da dignidade

No anúncio do Reino está sempre a preocupação latente do resgate da dignidade humana, uma vez que o Evangelho de Jesus deve ser motivo de revisão de vida, conversão em todas as dimensões humanas. É por isso que os pobres, em alguns momentos da sagrada escritura, tornam-se o centro de muitos dos milagres de Jesus, eles são aqueles que menos tinham oportunidade na sociedade. O Reino olha para os mais atingidos pela desigualdade e, busca livrá-los das consequências desse grave problema que, por sua vez, levam as pessoas para longe de tudo aquilo que as torna dignas.

O documento de Aparecida cita que, com o mesmo afincio das conferências anteriores, a opção pelos pobres, mais uma vez, é o compromisso principal da Igreja Latino Americana, uma vez que esses irmãos também necessitam ser olhados, respeitados e dignificados. “A Igreja Latino-Americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça entre nossos povos” (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2017, nº 396), ou seja, a Igreja tem a missão de agir como o Cristo e, na ação Dele, trazer o Reino para mais perto daqueles que o procuram e necessitam.

Este é, portanto, o “contrato” feito na Igreja Latino Americana, que ajuda a todos os cristãos a lembrarem daqueles que mais sofrem, passam dificuldades e que nem sempre ou quase nunca recebem a atenção necessária daqueles que deveriam cumprir com o papel de assistência às suas necessidades. O evangelho de Mateus ressalta essa missão da Igreja, no desejo do próprio Cristo “Tudo quanto vocês fizeram a um destes meus irmãos menores, o fizeram a mim” (Mt 25,40).

Esse processo de integração e de proximidade da Igreja com o pobre é a tentativa de levá-lo a conhecer o Reino, para que, a partir dele, seja chamado a participar das realidades da fé e, a partir dela, possa crescer também na sociedade em que está inserido, reconhecendo seu lugar e sair das condições desumanas em que possa se encontrar. A vida, ao confrontar-se com a verdade, caminha na liberdade rumo aos objetivos almejados. Os evangelhos, ao mostrarem as curas e o acolhimento de Jesus, sobretudo aos pobres, recorda esse dinamismo de que todos possuem o direito a uma nova chance de se reerguerem. Os desafios atuais, sob a tamanha desigualdade social, é o mesmo desafio daquele tempo: devolver a vida para aqueles que a perderam.

A fé em Jesus Cristo, expressa nas obras de seus seguidores, recorda o amor para com o próximo. Uma vez engajado, o cristão assume o compromisso de doação para os outros e a viver uma vida segundo o Reino. O convite evangélico é para que possua uma profunda interação entre vida de fé e obras, o falhar com uma destas realidades resulta em hipocrisia e falta de respeito à vida humana, isto porque, o Evangelho não mantém somente os pilares da vida no âmbito religioso, mas é também ensinamento para reconhecer o outro como irmão, no âmbito social, e ver a sua situação como um todo, no amor. O Evangelho de Jesus é um Evangelho social. A promoção social está alicerçada no Reino, que tem por princípio fazer com que as pessoas saiam das condições desumanas e alcancem, de novo, sua dimensão humana.

Igreja: novo povo de Deus, anunciadora do Reino

A Igreja recebe de Jesus, por meio dos apóstolos, o mandado de anunciar e instaurar o Reino; nela está o sinal visível da graça de Deus, a Igreja é, portanto, o grande sacramento, ação de Deus no mundo. Ela “constitui já na terra o germe e o princípio desse Reino”⁶, por isso, os remidos por Cristo encontram na Igreja a força necessária para continuar a caminhada cristã. Os fiéis reunidos são instruídos a viverem os valores do Reino a fim de que exista o amor, a partilha, e todos aqueles gestos de humanização que são encontrados em Cristo.

Como Povo de Deus, a Igreja assume essa visão de irmãos na dimensão batismal e de peregrinos que rumam para a pátria definitiva, a casa do Pai celeste. Puebla recorda esta expressão, ao dizer sobre o costume latino-americano e chamar as igrejas (templos materiais) como “casa de Deus”, reforçando a identidade cristã de serem todos a grande “família de Deus”. Segundo o documento, essa dimensão familiar toca profundamente a frieza do mundo moderno e coloca em alta os valores da família (PAPA JOÃO PAULO II, 1979).

A comunidade reunida como Igreja, faz com que o Reino esteja presente no mundo, ela deve ser o lugar da fraternidade cristã. Unidos ao mesmo Pai, os homens e mulheres são chamados a se reconhecerem como irmãos. O Reino é a morada definitiva desta família, que enquanto

⁶ Cf. *Lumen Gentium*, nº5 (Concílio do Vaticano II, 2000b).

caminha neste mundo, é chamada em todos os momentos a se tornarem “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-14). Como verdadeiros missionários, levam a boa nova do Reino e lutam uns pelos outros, se esforçando para reconhecerem a Cristo no outro, e levarem a Sua mensagem e prática a quem necessita.

Comungando dos mesmos ideais cristãos, a fé é assegurada na Igreja e garante a unidade da família cristã. A Eucaristia é o ponto central dessa unidade plena e garantia do Reino na terra. Entorno deste sacramento, estão congregados todos os povos, línguas e nações, estes todos estão sentados na mesma mesa, partilhando, comungando e vivendo a vida de Cristo. Pelos sacramentos, de modo especial os da iniciação cristã, a Igreja une seus filhos em forma de corpo, unidos à cabeça que é Cristo. “A cabeça deste corpo é Cristo. Ele é a imagem de Deus invisível e n’Ele foram criadas todas as coisas” (Col 1,15). Do Cristo, cabeça, todo o corpo se alimenta, e encontra o caminho para a salvação, bem como a força para exercer a missão.

O Espírito que ungiu Jesus em seu batismo, e deu a inspiração para sua missão, é o mesmo que os cristãos recebem no batismo, a fim de que façam também de suas vidas, uma doação total de amor ao Reino. Este Espírito Santifica o povo, e congregados em Cristo, faz com que eles sejam o Povo de Deus. Na vida divina que o batismo oferece, não só nasce um povo, mas também um povo que se orienta para ele (PAPA JOÃO PAULO II, 1979). Os novos cristãos aderem ao Reino no batismo, que por sua vez assumem o compromisso de serem presença da Igreja no mundo, pedras vivas do templo que é o corpo místico de Cristo.

Na força da consagração messiânica do batismo, o povo de Deus é enviado para servir ao crescimento do Reino nos demais povos. É enviado como povo profético que anuncia o Evangelho ou faz o discernimento das vozes do Senhor no coração da história. Anuncia onde se manifesta a presença de seu Espírito. Denuncia onde opera o mistério da iniquidade, mediante fatos e estruturas que impedem uma participação mais fraterna na construção da sociedade e no desfrutar dos bens que Deus criou para todos (PAPA JOÃO PAULO II, 1979, nº270).

O Reino de Deus, manifestado no batismo, lembra aos batizados seu tríplice *múnus*: profeta, sacerdote e rei. Querendo lembrar que todos os homens e mulheres batizados, inseridos na morte e ressurreição de Jesus, são chamados a serem protagonistas da fé, vivendo o Evangelho na vida de oração e nas obras, aguardando a chegada do Reino pleno.

Destacando de modo especial o *múnus* profético, os cristãos são chamados a serem vozes para aqueles que não a possuem, mostrando aos pobres e pequenos que o Senhor tem predileção por eles, e está sempre ao lado destes. A Igreja, usando a expressão do Papa João Paulo II, é chamada a ser “um povo de servidores” (PAPA JOÃO PAULO II, 1979, n.270), povo do serviço, povo do Evangelho que não distingue e exclui ninguém. Todos são servidores do Evangelho, não importa a posição em que estão na hierarquia, o dever de anúncio do Reino é de todos os batizados.

Igreja continuadora da missão de Jesus e instrumento da promoção humana

A constituição pastoral *Gaudium et Spes*, recorda que “o mistério do homem só se conhece à luz de Jesus Cristo, na fé em sua pessoa” (GS 22), por isso, nas realidades mais sofridas, é

necessário reconhecer que ali também está um filho de Deus, digno desta filiação. Unidos à paixão de Jesus, homens e mulheres do mundo inteiro configuram seu modo de viver e sofrimentos aos sofrimentos do redentor, lutando por sua dignidade e buscando libertar-se das paixões e obscuridades que levam para o pecado. É missão da Igreja zelar e animar a estes e todos os outros para o segmento fiel do Cristo.

Na pessoa de Jesus está a figura do homem novo, uma vez restaurado à imagem original do humano, os homens e mulheres do mundo todo são chamados à santidade, levando na vida esse compromisso de anunciar o Reino até a manifestação definitiva de Deus e seu Reino. A Igreja expressa essa realidade, que deve levar os homens ao compromisso maior com sua dignidade e preocupação com os irmãos e irmãs. A luta pela dignidade humana deve estar presente em todos os momentos e em todos os povos.

Puebla lembra que, na pluralidade e igualdade de todos, cada pessoa em seu carisma e dom tem o lugar próprio na vida da Igreja, e cada um no seu modo de viver deve se sentir amado por Deus e escolhido por ele (PAPA JOÃO PAULO II, 1979). Mantendo sempre o diálogo, os homens e mulheres, filhos amados do Pai, devem levar sua mensagem de redenção e do Reino, que começa desde já. A humanidade é colaboradora, corresponsável pelo cuidado com a criação. Assim, continua afirmando Puebla:

Deus nos tornou capazes, inteligentes, isto é, aptos para discernir a verdade e segui-la diante do erro e do engano, livres, isto é, não submetidos inexoravelmente aos processos econômicos, políticos e políticos, embora nos reconheçamos humildemente condicionados por eles e obrigados a humanizá-los, submetidos, ao invés, a uma lei moral que vem de Deus e se faz ouvir na consciência dos indivíduos e dos povos, ensinando, admoestando, repreendendo e enchendo-nos da verdadeira liberdade dos filhos de Deus (PAPA JOÃO PAULO II, 1979, n.335).

Necessita-se, pois, de uma evangelização libertadora, a fim de que os filhos de Deus vivam como tal. O homem é escravo quando coloca acima de Deus suas vaidades, prazeres e poder. A raiz do pecado é o rompimento da relação com o criador, esse rompimento de relação é o corte violento da pessoa humana com sua dignidade. Deus oferece a liberdade e a eternidade ao homem, os bens materiais, por sua vez, em sua finitude, o escraviza quando a busca por eles se torna excessiva e desenfreada.

A atualização do Reino de Deus: Evangelização e Reino no mundo moderno

O Reino é a oferta de Jesus para os homens e mulheres, missão de todos os batizados que assumem, com consciência e responsabilidade, o projeto de Deus. Ao criar homem e mulher à sua imagem e semelhança, o Criador concede à humanidade o dom de colaborar com ele na criação, garantindo, desde o princípio, que todos cooperassem para levar adiante este projeto.

Do mesmo modo, a Igreja, Sinal visível de Deus no mundo, manifesta a intenção de continuar esse projeto do Reino para levar adiante os seus mandamentos e os ensinamentos de Jesus. Por isso, a missão de anunciar o Reino, não deve e nem pode estar apenas nas mãos

dos consagrados exclusivamente a este serviço, os ministros ordenados, mas, é missão de todos aqueles que assumem o compromisso da fé em Jesus. Por isso, a Igreja quer despertar também nos leigos e leigas o Espírito missionário, próprio do Espírito Santo que habita em cada um por causa do batismo e crisma.

O Reino também se espalha com o testemunho dos homens e mulheres leigos, uma vez que eles estão à frente de pastorais em suas comunidades, são chefes de família, trabalham nos mais variados setores da sociedade. A atuação destes no mundo é a chave para entender como o Reino se faz presente também na contemporaneidade, unido à fé e animação da Igreja, que deve incentivar a continuação da evangelização e o anúncio do Reino como promoção da vida humana e dignidade para todos.

Um Reino no mundo contemporâneo

O Reino chega ao mundo contemporâneo pelo anúncio da Boa Nova de Jesus, que é o seu Evangelho. Enquanto esteve na terra, sua missão foi marcada pela práxis libertadora, bem como o incentivo para mudança de mentalidade. Mas, o que de fato sinalizou a chegada do Reino foram as ações proféticas de Jesus que tiravam pessoas da marginalidade e lhes devolviam a dignidade. Jesus realizou e ensinou aos seus seguidores que a ação evangelizadora é a melhor forma de levar a Boa Nova do Reino.

Essa ação evangelizadora resgatou, nos homens e mulheres, sua condição de filhos e filhas de Deus. Por isso, o Evangelho é boa notícia, portadora da novidade do Reino anunciado por Jesus: libertação das condições de opressão. O Reino não é algo longe, mas acontece hoje, na prática daqueles que fazem de sua vida o próprio Evangelho, a presença de Jesus no mundo.

O mundo é o campo geral da missão, por isso a necessidade de que cada homem e mulher assuma sua ação evangelizadora e faça o Reino chegar ao meio em que atua. Cada um possui seu campo específico de missão, os leigos e leigas, em suas vocações específicas, devem responder ao chamado e assumir com responsabilidade de cristãos autênticos sua tarefa de batizado.

O Concílio Vaticano II propôs o diálogo entre a sociedade e a Igreja, um diálogo ainda mais urgente no mundo globalizado. A Igreja não pode fechar-se em si mesma, ao contrário, é chamada a ter abertura consciente, ver o mundo ao redor e discernir os sinais dos tempos. A Igreja é convidada a reavivar a alegria e esperança dos seus filhos e filhas. Do mesmo modo, os cristãos são chamados a caminharem buscando a Deus, e descobrir no outro o rosto de Cristo, manifestando a alegria e o agir autêntico e fiel, próprio dos cristãos. “Cada cristão participa da história humana como sinal de salvação pelo testemunho e ação, como sujeito que colabora na transformação da sociedade” (CONFERÊNCIA NACIONAL DE BISPOS DO BRASIL, 2016, n.67).

A globalização tende a oferecer facilidades para o modo de viver humano, a tecnologia abrange todas as áreas: comunicação, medicina, transportes. De modo geral, a maneira de viver e as tecnologias revelam Deus, uma vez que mostram o Seu poder de criação também nos homens e mulheres que se dedicam à elas. O problema acontece quando o ser humano se prende a isto, se torna escravo, e suas ações visam somente o crescimento individual, financeiro, indiferente à realidade do outro. O equilíbrio é fundamental para se viver bem o período da globalização, longe

dele o ser humano não se edifica, ao contrário, vive uma intensa desestabilização, destruindo a si e aos outros.

A Igreja auxilia neste caminho, ao ensinar a verdade e a distinguir as coisas boas das coisas ruins. Os cristãos são chamados a intervirem no mundo, de modo que se faça conhecer a presença de Deus em suas ações. Esse é o povo de Deus, a Igreja missionária que Jesus pediu aos apóstolos e pede aos discípulos da atualidade, cumprindo o mandato do Ressuscitado: “ide e fazei com que todos os povos da terra se tornem discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28,19).

O fiel leigo e leiga: Cooperador do Reino no mundo moderno

A dignidade de filhos e filhas de Deus está depositada em todos os batizados, eles são chamados a atuarem na ação do Espírito Santo, para levar o Reino aos lugares em que vivem. O mundo moderno necessita do testemunho de transformação de vida e promoção humana daqueles que vivem nas comunidades cristãs. Os leigos e leigas cooperam com os ministros ordenados, ajudando também na evangelização e nos ministérios que são cabidos a eles.

Faz-se necessária a instrução correta e o conhecimento profundo da missão dos leigos e leigas, bem como da fé que eles professam. Os homens e mulheres são convidados por Jesus, através de sua Igreja, a serem também discípulos e missionários do Reino, ajudando a dignificar e transformar a sociedade, que insiste em marginalizar e excluir o seu próximo.

Os sacramentos da iniciação cristã ajudam a compreender esse dinamismo de união ao corpo de Cristo e vocação missionária. O batismo incorpora o cristão na vida de Igreja, e convida a viver uma só fé com todos aqueles que já passaram pelas águas do batismo. Por ele, na ação do Espírito Santo, recebe-se a filiação divina, todos são irmãos e colaboradores uns dos outros na missão de dignificar os homens e as mulheres. A crisma recorda esta dimensão do Espírito, que confirma a fé recebida no batismo, e impulsiona uma vez mais a anunciar o Reino. A Eucaristia, ainda dentro da dimensão dos sacramentos da iniciação cristã, é sustento da caminhada como alimento, e lembra que fazemos parte daquele corpo.

O Documento de Aparecida relembra a importância do leigo e leiga como missionários, reforça aos membros ordenados que abram espaços nas pastorais e ministérios para os cristãos que queiram desempenhar algum papel na comunidade. Do mesmo modo, o documento lembra ao leigo de cumprir com responsabilidade sua função e participar ativamente de formações sobre a fé, doutrina, a fim de que o testemunho seja fiel e rico (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2007).

Motivar o leigo e leiga para a missão, não é, de modo algum, excluir o trabalho dos ministros ordenados, ao contrário, quer trazer para a comunidade o sentido de comunhão que deve existir entre os lados. O chamado atual para a comunidade cristã católica é o de olhar para os dons e carismas que o Espírito Santo oferece a ela. “A rica missão da Igreja envolve reconhecimento dos carismas dos demais, apreço e responsabilidade pelos carismas próprios. [...] não é mais possível pensar uma Igreja que não incentive a participação e a corresponsabilidade dos cristãos leigos e leigas na missão” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2016, n.159).

Os homens e as mulheres, junto a Igreja, devem trabalhar para que essa realidade aconteça em suas vidas, na família que construíram e com aqueles que estão a sua volta, onde estiverem. Não deve existir, na vida cristã, uma dicotomia entre a fé e a sociedade, ambas devem caminhar no mesmo passo. O mandamento do amor deve ser praticado com todos e por todos, esta atitude leva a humanidade para o conhecimento da verdade.

O amor de Cristo, expresso nos discípulos missionários de Jesus, leva para a libertação integral do homem, sobretudo aqueles que estão à margem da sociedade. Não é um romantismo, mas é a base da justiça. Amar é preocupar-se com o outro. A Igreja, o povo de Deus inserido no mundo, não se fecha para as realidades terrenas, ao contrário, busca compreendê-las, usufrui daquilo que é bom para ajudar na evangelização. “Não é preciso ‘sair’ da Igreja para ‘ir’ ao mundo, como não é preciso ‘sair’ do mundo para ‘entrar’ e ‘viver’ na Igreja. Cristo veio para salvar as pessoas, do mesmo modo, a Igreja continua a cumprir essa missão de salvar as pessoas. Portanto, se é para salvar a humanidade e mostrar Deus para elas, a Igreja precisa estar nos lugares que elas estão. Viver um caminho autêntico de cristandade, não é apenas cumprir alguns preceitos da fé, mas é vive-los integralmente, com coragem e perseverança.

A missão da Igreja, dos fiéis leigos e leigas, está voltada de modo especial aos pobres, aqueles que sofrem e passam dificuldades. A pobreza e a fragilidade afetam a humanidade em grande escala hoje, o Cristo sofre nessas pessoas. Sofre porque são filhos e filhas de seu Pai, criados a imagem e semelhança, e estão longe da dignidade que lhes é própria.

Maria, modelo de evangelizadora

“A máxima realização da existência cristã como um viver trinitário de “filhos no filho” nos é dada na Virgem Maria que, através de sua fé (Lc 1,45) e obediência à vontade de Deus (Lc 1,38), assim como por sua constante meditação da palavra e das ações de Jesus (Lc 2,19-51) é a discípula mais perfeita do Senhor”⁷.

Fiel ao projeto de Deus, aceitando ser mãe de Jesus, Maria assumiu o primeiro lugar na comunidade daqueles que creem no Cristo. Cumprindo a vontade divina, seu caminhar sempre foi orientado para Jesus, vivendo com Ele o Seu Evangelho, “meditando tudo e guardando no seu coração” (Lc 2,19). Maria cumpre seu papel na história da salvação, encaminhando Jesus nas necessidades humanas.

Aos pés da cruz, acompanhou o filho no doloroso sofrimento, recebendo, a partir daquele momento, do Cristo em agonia, a missão de ser mãe de toda a humanidade. Acolhida na comunidade dos discípulos, esteve presente também no dia de Pentecostes, junto à Igreja nascente, sendo testemunha, mais uma vez, do agir de Deus. Maria, mãe da Igreja, é a figura do discípulo fiel que está presente em todos os momentos da vida povo de Deus.

Como a grande missionária, recorda-se as suas aparições no mundo todo, trazendo, uma vez mais, a mensagem do Reino e levando o povo para perto de Jesus. Na América latina, fez-se missionária em Guadalupe (México), Lujan (Argentina), Aparecida (Brasil), entre outras devoções.

⁷ Cf. *Lumen Gentium*, n°53 (Concílio do Vaticano II, 2000b).

As aparições marianas revelam o poder de sua intercessão junto aos povos, lembrando sempre a sua mensagem no evangelho “fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5).

Com os olhos postos em seus filhos e em suas necessidades, como em Caná da Galileia, Maria ajuda a manter vivas as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade que devem distinguir os discípulos de seu Filho. [...] Cria comunhão e educa para um estilo de vida compartilhada e solidária, em fraternidade, na atenção e acolhida do outro, especialmente se é pobre ou necessitado (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2007, n.272).

O Reino de Deus e a dignidade humana

A vinda do Reino é alegria, por isso é celebrada como a boa notícia, aquela que não possui tristeza ou desânimo, mas contém a esperança e o ânimo para caminhada. Jesus pregando o Reino, traz consigo a boa notícia, a alegria do Evangelho, recordando a dimensão de que, a casa de Deus é lugar de festa, de celebração. Jesus celebra e revela o Reino nas refeições, come com os pecadores (Mc 2,15), multiplica os pães para a multidão se alimentar, mas de modo especial, na ceia com os discípulos quando reparte o pão e pede para que aquele momento possa se perpetuar.

Mesmo após a ressurreição, suas aparições acontecem em momentos de refeição, ou seja, é o sinal maior da festa, da convivência, do estar com o outro. Só se senta à mesa com aqueles que são íntimos, que existe uma certa convivência, diálogo. O Reino de Deus é entendido da mesma forma, não se trata de um “regime de governo”, vai além desta compreensão social. O Reino de Deus lembrando da convivência, reconhece a todos como irmãos. O Reino é o lugar onde todos são companheiros e necessitam uns dos outros para crescerem na caminhada e se tornarem pessoas melhores e dignas.

A promoção humana, sobretudo no mundo moderno, parte deste princípio, na necessidade de olhar o outro como irmão, e convidá-lo para sentar-se à mesa, saindo da marginalidade, mas estando junto com os seus semelhantes. Ninguém deve estar em condições desumanas, todos são responsáveis por seus semelhantes, por isso o convite da Igreja para que todos se tornem discípulos é porque, na dimensão missionária, procura-se o irmão perdido, necessitado, e busca-se trazê-lo novamente para a convivência fraterna.

O Reino que Jesus trouxe, e quer que assim seja estabelecido por seus discípulos até sua volta, é o Reino onde exista a libertação, paz e unidade. O Reino quer chegar a todos! Os filhos da luz, discípulos missionários do novo tempo são chamados a atualizar a mensagem cristã para o mundo moderno, retirando das prisões modernas os cativos da atualidade, chamando-os para sentar-se à mesa.

A cada época, a mensagem cristã enfrenta novos desafios, deste modo, os discípulos e missionários são chamados a continuar com perseverança a missão de serem “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-14), a fim de que possam atualizar a mensagem do Reino, para continuarem a missão de Jesus de promover e dignificar as pessoas, lembrando a elas sua origem divina e que são todas imagem e semelhança do Criador.

Conclusão

A dinâmica central da dignidade humana se encontra no querer divino que o homem e a mulher sejam Sua imagem e semelhança. Por essa realidade, Deus permite que a humanidade participe da criação de modo integral e efetivo. Os homens e mulheres, filhos e filhas de Deus, conseguem compreender Sua humanidade a partir destas verdades de fé, pessoas criadas por Deus, com livre arbítrio, dotadas de dignidade e razão.

Outro ponto da reflexão sobre a dignidade humana é a relação pessoal e contínua que existe entre Deus e os homens, através da aliança que o criador, ao longo de toda história da salvação, quis fazer. Sendo a última e definitiva aliança, a entrega do seu próprio filho, que morreu e ressuscitou para salvar a humanidade do pecado. Essa iniciativa divina, o pai que sempre vem de encontro aos filhos, é refletida com o salmista que pergunta “O que é o homem para amardes tanto assim, e dele tratardes com tanto carinho?” (Sl 8).

A resposta é dada na encarnação de Jesus: Deus quer apresentar o amor e a caridade na pessoa de seu filho, estes aspectos manifestam o Reino e convidam aqueles que querem segui-lo a fazerem o mesmo. Os seguidores de Jesus o procuram porque querem sair das condições do pecado, da rejeição social, das prisões. Os filhos de Deus buscam no Cristo a liberdade que dignifica e salva.

Relação é o termo chave para a propagação do Reino. Enquanto esteve no mundo, Jesus encontrou-se com diversas realidades humanas, e a cada uma ofereceu a boa notícia que estava pregando. Aqueles que o escutaram, que comeram com ele, tiveram a vida retomada, saíram da marginalidade.

Os discípulos, entendendo a mensagem, após ascensão de Jesus, prosseguiram a missão, assumindo o compromisso que o próprio Jesus lhes ordenara para batizar e fazer discípulos pelo mundo. Assim, assumindo essa ordem, a Igreja nos tempos atuais continua esse propósito. A sociedade banhada na desigualdade, individualismo e, cada vez mais globalizada, corre o risco frequente de esquecer-se de Deus, e atuar de forma autônoma, crendo que pode tudo sem a ação divina. É evidente que a cada tempo existem seus desafios, no século XXI não é diferente. Eis então o desafio para a evangelização, o Reino também está neste tempo e precisa se manifestar.

Por isso compreende-se que a missão de discípulos evangelizadores não deve estar somente nas mãos de ministros ordenados, como se fosse apenas missão deles, mas sim, de todos os batizados. Cada batizado, em sua função, deve procurar seguir sua vocação dentro do ministério que é chamado. No entanto, chama-se a atenção para o papel dos leigos e leigas como evangelizadores, homens e mulheres a serviço do Reino. Por eles a mensagem do Evangelho pode chegar de modo mais íntimo na família com os pais, nas empresas com operários, na política, no clube, enfim, nos diversos setores onde eles podem e devem chegar.

A nova evangelização, o despertar do Reino, conta com a ação e colaboração de leigos e leigas dispostos a fazerem o mesmo que Jesus fez, a fim de promoverem as pessoas usando de seus dons e ministérios para a edificação e conhecimento de todos sobre a boa nova do Evangelho. Com a ajuda deles, o Reino se atualiza, manifesta-se nos lugares que chega.

O Reino precisa estar presente na sociedade moderna, uma vez que a mensagem cristã, a boa nova do Reino, é sempre atual, e quer chegar para todas as pessoas e em todos os tempos,

buscando libertar o homem de seus pecados e revelar a ele a graça do Pai Criador e Sua dignidade escondida.

Referências

- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.
- CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. n.1701.
- CASTILLO, J.M. *Jesus, a humanização de Deus*: ensaio de cristologia. Petrópolis: Vozes, 2015.
- CONCÍLIO Vaticano II. *Gaudium et Spes*: Compêndio do Concílio Vaticano II. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000a.
- CONCÍLIO Vaticano II. *Lumen Gentium*: Compêndio do Concílio Vaticano II. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000b.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DE BISPOS DO BRASIL. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. São Paulo: Paulinas, 1999. (Doc. 62).
- CONFERÊNCIA NACIONAL DE BISPOS DO BRASIL. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2016. (Doc. 105).
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas, Paulus, CNBB, 2007.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Puebla*: a evangelização no presente e no futuro da América Latina. Petrópolis: Vozes, 1979.
- PONTIFÍCIO Conselho "Justiça e Paz". *Compêndio da doutrina social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*: a história de Jesus de Nazaré. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. v.1.

Como citar este artigo/How to cite this article

SILVA, W.M. Reino de Deus e dignidade humana: atualização da mensagem de Cristo na América Latina. *Cadernos de Fé e Cultura*, v.3, n.2, p.103-116, 2018. https://doi.org/10.24220/2525-9180_v3n22018a4442